



MEMÓRIAS E REFLEXÕES SOBRE A EDUCAÇÃO – HISTÓRIAS DE FORMADORES DE FORMADORES

MEMORIES AND REFLECTIONS ON EDUCATION – EDUCATOR’S STORIES

MEMORIAS Y REFLESIONES SOBRE LA EDUCACIÓN – HISTORIAS DE FORMADORES DE FORMADORES

Ivana Guimarães Lodi
Centro Universitário do Planalto de Araxá – UNIARAXÁ
E-mail: ivanalodi@uniaraxa.edu.br

RESUMO

Vidas e práticas de professores configuram-se em uma das principais temáticas das análises contemporâneas sobre o profissional da educação e investigar histórias de vida de professores formadores de formadores, constitui-se em um rico instrumento de análise. Aquilo que nos tornamos é fruto de um processo temporal marcado pela construção permanente e pela sedimentação do saber profissional. A intenção deste trabalho foi investigar o caminho percorrido e as práticas docentes, de alguns profissionais formadores de formadores dentro do UNIARAXÁ – Centro Universitário do Planalto de Araxá (MG). Para o desenvolvimento desta proposta, fizemos opção pela metodologia de história oral de vida. Foram entrevistados 10 professores, em entrevistas com questões semiestruturadas, sendo os resultados analisados de acordo com as seguintes categorias: Formação e cotidiano escolar; influências marcantes na formação da identidade; influências da formação na prática escolar; Desafios e perspectivas no exercício profissional. Através das narrativas que foram colhidas nesta pesquisa, foi possível recuperar e analisar alguns desses elementos constitutivos das identidades docentes, com o objetivo de não só registrar, mas analisar as diversas influências que os foram constituindo e instituindo, enquanto professores formadores de formadores.

PALAVRAS-CHAVE: História de Vida. Educação Superior. Práticas Pedagógicas.

ABSTRACT

Lives and practices of professors are one of the main themes of the contemporary analysis of the professional of education. Investigating the life histories of teachers/professors constitutes a rich instrument of analysis. What we become is the result of a temporal process marked by permanent construction and by the sedimentation of professional knowledge. The intention of this paper was to investigate the path taken and the teaching practices of some professors within the UNIARAXÁ - Centro Universitário do Planalto de Araxá (MG). For the development of this proposal, we made an option for the methodology of oral History of life. Ten educators attended an interview with semi-structured questions, and the results were analyzed according to the following categories: Graduation and school daily life; important influences on identity formation; influences of graduation in school practice; Challenges and perspectives in professional practice. Through the narratives that were collected in this research, it was possible to retrieve and analyze some of these constitutive elements of teacher's identities, with the aim of registering and analyzing the different influences that constituted and instituted them as professors.

Key words: History of Life. Higher Education. Pedagogic Practices.

RESUMEN

Vidas y prácticas de profesores se configuran en una de las principales temáticas de los análisis contemporáneos sobre el profesional de la educación e investigan historias de vida de profesores formadores de formadores, se constituye en un rico instrumento de análisis. Lo que nos convertimos es fruto de un proceso temporal marcado por la construcción permanente y la sedimentación del saber profesional. La intención de este trabajo fue investigar el camino recorrido y las prácticas docentes, de algunos profesionales formadores de formadores dentro del UNIARAXÁ - Centro Universitario del Planalto de Araxá (MG). Para el desarrollo de esta propuesta, hicimos opción por la metodología de historia oral de vida. Se entrevistó a 10 profesores, en entrevistas con cuestiones



semiestructuradas, siendo los resultados analizados de acuerdo con las siguientes categorías: Formación y cotidiano escolar; influencias marcantes en la formación de la identidad; influencias de la formación en la práctica escolar; Desafíos y perspectivas en el ejercicio profesional. A través de las narrativas que fueron recogidas en esta investigación, fue posible recuperar y analizar algunos de esos elementos constitutivos de las identidades docentes, con el objetivo de no sólo registrar, sino analizar las diversas influencias que los fueron constituyendo e instituyendo, como profesores formadores de formadores.

Palabras clave: Historia de la vida. Educación universitária. Prácticas pedagógicas.

*“(...) olhar é, ao mesmo tempo, sair de si e trazer o mundo para dentro de si.
Porque estamos certos de que a visão depende de nós
e se origina em nossos olhos, expondo nosso interior ao exterior,
falamos em janelas da alma. (...)
Ver é olhar para tomar conhecimento e para ter conhecimento”.*
Marilena Chauí

1 – INTRODUÇÃO

Quando se fala em identidade do professor em nossa sociedade, percebemos ser um tema que carece de reflexões, pois a mesma é definida de maneiras, formas e contextos muito diferentes, muitas vezes sem levar em consideração o que é realmente este profissional que, todos os dias, interfere e sofre interferências no seu fazer e viver a profissão. Percebemos que a sociedade contemporânea exige e cobra diversos papéis deste profissional, até aqueles que são da família e de outras instâncias sociais. Cobra que eles sejam capazes de responder às necessidades externas do processo educativo e, se espera que estes profissionais, além de todas as funções que lhes têm sido delegadas, preparem os alunos para serem profissionais de qualidade e sucesso, capazes de enfrentar a competitividade e as exigências do mercado e da vida.

Assim, vidas e práticas de professores têm se configurado em uma das principais temáticas das análises contemporâneas sobre o profissional da educação, pois a compreensão desta realidade vem ganhando relevo científico importante, especialmente, em um momento em que a produção historiográfica valoriza, sobretudo, o exame das especificidades e singularidades locais e pessoais.

Investigar sobre histórias de vida de professores constitui-se em um rico instrumento de análise, pois cada um daqueles que tece a história da educação no Brasil, é um ser único e inigualável, em constante processo de se fazer e re-fazer. Nesta perspectiva metodológica, o



ser professor é valorizado como protagonista da sua vida, mas que de alguma forma interfere em diversas vidas com as quais convive no dia-a-dia.

Vários autores têm pesquisado sobre a identidade docente e vale lembrar Nóvoa (1991, p. 16), quando diz:

A identidade não é um dado adquirido, não é uma propriedade, não é um produto. A identidade é um lugar de lutas e de conflitos, é um espaço de construção de maneiras de ser e de estar na profissão. Por isso, é mais adequado falar em processo identitário, realçando a mescla dinâmica que caracteriza a maneira como cada um se sente e se diz *professor*. (...) É um processo que necessita de tempo. Um tempo para refazer a identidade, para acomodar inovações, para assimilar mudanças.

A identidade não é adquirida apenas pelos títulos ou cargos ocupados, mas é construída no viver, no caminhar pela nossa história, com todas as influências familiares, sociais, culturais, morais. A identidade não é herdada geneticamente, não é casual, é um processo de construção diária, ininterrupta, entrelaçada pelas diversas vivências ao longo de nosso existir, viver e fazer. Neste processo, vamos também, nos constituindo enquanto profissionais.

Moita (1992, p. 116) diz sobre a identidade profissional que:

É uma construção que tem a marca das experiências feitas, das opções tomadas, das práticas desenvolvidas, das continuidades e descontinuidades, quer ao nível das representações, quer ao nível do trabalho concreto. O processo de construção de uma identidade profissional própria não é estranho à função social da profissão, ao estatuto da profissão e do profissional, à cultura do grupo de pertença profissional e ao contexto sociopolítico em que se desenrola.

Nossa identidade pessoal e profissional é marcada por todas as relações vividas que vão se intercalando e produzindo aquilo que somos e nos tornamos, num contínuo processo de contradições, de harmonia, de integração ou desintegração, de certezas e dúvidas, de construir, desconstruir, re-construir, tudo se conjugando na formação de um ser, uma pessoa única e inigualável. Acredita-se que “a verdadeira vida está (...) na qualidade poética da existência, porque viver exige, de cada um, lucidez e compreensão, ao mesmo tempo, e mais amplamente, a mobilização de todas as aptidões humanas”. (MORIN, 2000, p. 54)

2 - REFERENCIAL TEÓRICO

Muitos de nós, como professoras e professores têm se questionado sobre quem somos como profissionais. Questionamos qual a nossa formação no que diz respeito ao exercício da



Revista Triângulo

docência; temos consciência de que, ao adentrarmos a escola, somos professoras/professores; como vemos e vivemos esta relação; até que ponto fomos preparados e formados para sermos formadores de futuros professores; qual a influência da vida escolar na escolha e na nossa ação diária profissional, e na nossa formação docente?

Neste pensar ou re-pensar a nossa prática pedagógica, é possível analisarmos os efeitos diretos e indiretos que foram nos constituindo enquanto professora ou professor universitário até hoje. Neste contexto, recorreremos a Bosi (1994), Fonseca (2003), Fontana (2008), entre outros. Larrosa (1999, p. 52) discute que “o sentido do que somos depende das histórias que contamos e das que contamos de nós mesmos (...), em particular das construções narrativas nas quais cada um de nós é ao mesmo tempo, o autor, o narrador e o personagem principal”.

Sabe-se que diversos fatores influenciam e, às vezes, determinam o nosso modo de ser, de pensar, de agir, de interferir na formação dos futuros educadores ao longo de nossa vida profissional. Como Freire nos leva a pensar, “ninguém nasce feito, vamos nos fazendo aos poucos, na prática social de que tomamos parte” (2001, p. 79). Aquilo que nos tornamos é fruto de um processo temporal marcado pela construção permanente e pela sedimentação do saber profissional. Está claro que “em cada escolha pedagógica feita, há algo de nós, de nossas crenças e esperanças, de nossas descrenças e desânimos. Há muito de nossa história individual e coletiva” (ARROYO, 2000, p. 45).

Só é possível penetrar verdadeiramente na análise sobre a formação docente e de sua prática educativa, quando contemplarmos o professor, levando em consideração sua subjetividade, sua história, sua vida. Analisar histórias de vida de professores assume hoje, uma tentativa que, ao alargar os estudos sobre os processos educativos, possibilita a revelação de uma trajetória de realizações, dúvidas, perplexidades, opções, confrontos, caminhos e possibilidades que compõem a vida de todos os que estão inseridos no processo do ser professores e que, interferem de forma direta no seu exercício profissional.

Concordamos com Fonseca (2003, p. 43), quando diz que:

(...) as investigações pedagógicas, que até pouco tempo “insistiam” em estudar a educação, a escola e o ensino, ignorando o professor, hoje tentam colocá-lo no centro dos debates. Isso decorre do reconhecimento de um questão óbvia: não há educação ou ensino sem professor, e o professor é uma pessoa.

Fazer História oral de vida de professores consiste numa busca de produção científica



com análises, na qual os protagonistas/sujeitos de sua história expressam e enfatizam diferentes sentidos às suas experiências, revelando como suas produções e práticas profissionais estão diretamente ligadas ao modo característico de cada um ser, viver e se formar.

Pelo seu significado, concordamos com Nóvoa (1997, p.10) quando afirma que:

Esta profissão precisa de se dizer e de se contar: é uma maneira de a compreender em toda a sua complexidade humana e científica. É que ser professor obriga a opções constantes, que cruzam a nossa maneira de ser com a nossa maneira de ensinar, e que desvendam na nossa maneira de ensinar a nossa maneira de ser.

Diante do exposto, este estudo buscou investigar o caminho percorrido e as práticas docentes, de alguns profissionais, que vivem uma profissão dentro do UNIARAXÁ – Centro Universitário do Planalto de Araxá, recuperando os diferentes sentidos e significados da construção de suas identidades, de suas práticas pedagógicas e dos desafios na formação de futuros educadores.

Para que este objetivo fosse alcançado, refletimos sobre os múltiplos caminhos, práticas e opções, construídas ao longo da vida por alguns professores do curso de Pedagogia desta instituição, buscando recuperar os diferentes sentidos e significados que os sujeitos pesquisados dão às suas experiências e práticas educativas, traçando um perfil dos formadores de formadores desta instituição.

3 - MATERIAIS E MÉTODOS

Para o desenvolvimento deste estudo, fizemos opção pela pesquisa qualitativa, e, como nos diz Rey (2001), este tipo de abordagem, volta-se para a elucidação de complexos e processos subjetivos, posto que a ciência não é só racionalidade, é subjetividade em tudo que o termo implica, é emoção, individualização, contradição, enfim, é expressão íntegra do fluxo da vida humana.

Nesta perspectiva, a utilização da metodologia de história oral, colocou-se como uma excelente metodologia de pesquisa, ao mesmo tempo em que tem sido um grande desafio para os historiadores que se propõem a utilizá-la. De acordo com esta nova abordagem da História, o historiador/pesquisador, “tem como tarefa vencer o esquecimento, preencher silêncios,



Revista Triângulo

recuperar as palavras, a expressão vencida pelo tempo” (BOSI, 1994, p. 38). O passado pode assim ser revisto, revisitado, ao invés de ser apenas reconstituído objetivamente.

As entrevistas realizadas possibilitaram a compreensão das singularidades dos sujeitos pesquisados, da subjetividade dos mesmos e da situação que nos propusemos que é levantar o perfil dos educadores do curso de Pedagogia do UNIARAXÁ.

Mais importante do que escolher a técnica da entrevista, foi ter tido a sensibilidade para compreender a expressão dos sujeitos entrevistados e sua representatividade no processo de construção de suas identidades e ações educativas. Para isso, recorremos a Ludke (1986, p. 34), ao dizer que “a grande vantagem da entrevista sobre outras técnicas é que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada”, possibilitando com isso que se aprofundem os vários conhecimentos que se têm produzido atualmente nesta área.

Esta autora também ressalta sobre a importância da técnica da entrevista, por seu caráter interativo que permeia todo o processo. Já Triviños (1987, p. 18), nos diz da importância da pesquisa qualitativa que surge, “com diferentes enfoques, como alternativas para a investigação em educação”.

Lembrando também Thompson (1992) e Fazenda (1997), entre outros, com vistas à construção de Histórias de vida, esta investigação foi realizada com um número de 10 entrevistados que tem em comum o fato de trabalharem no curso de Pedagogia do UNIARAXÁ, sendo que todos fazem parte do processo de viver e praticar educação. Uns, com um longo caminho já percorrido, outros nem tanto, e, como nos revela, poeticamente, Rosa (1967, p. 52), “o real não está na saída nem na chegada, ele se dispõe para a gente é no meio da travessia”.

As entrevistas foram realizadas com questões semiestruturadas, gravadas, transcritas e analisadas, de acordo com as seguintes categorias: Formação e cotidiano escolar; influências marcantes na formação da identidade; influências da formação na prática escolar e desafios cotidianos. A opção por esta metodologia nos permitiu um percurso metodológico rico em possibilidades, belo em sua extensão e realização, mas desafiante e complexo quando nos coloca diante de toda essa dialética do viver, fazer e contar História.

4 – ANÁLISE DOS DADOS E RESULTADOS

4.1 - Ser professor



Conforme nos diz Bosi (1987, p. 47), relatando sobre a técnica de entrevista, “a memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora”.

Acreditamos que a partir de um exame detalhado do que foi vivido neste estudo, tornou-se possível entender melhor o que temos nos tornado como formadores de formadores. Conhecer o que somos nos permite encarar o que passou através de novos olhares, atribuindo ao vivido novos significados. As narrativas são capazes de atravessar os tempos e se colocarem abertas às interpretações e reflexões no hoje. “Singularidades e significação não se oferecem como comportamentos à observação direta. Antes, inscrevem-se nos gestos e nas posturas dos indivíduos, deixando marcas em seus corpos”. (FONTANA, 2008, p.105)

Vejamos algumas dessas narrativas no que diz respeito à formação da identidade docente:

Nunca pensei na vida, que fosse dar aula, apesar de ser filha, neta e bisneta de professora. Acredito que isso tenha a ver com eu ficar vendo minha mãe naquela luta a vida inteira, de ajudá-la muitas vezes, até mesmo na correção de provas, no preenchimento de diários. Eu achava a vida da minha mãe muito sofrida, ela trabalhava demais e eu não queria aquilo para mim. (Entrevista 1)

Percebemos que não nascemos determinados a ser alguma coisa, somos feitos, construídos. As vivências familiares, as experiências, os dizeres, sem que percebamos, nos vão invadindo e se instalando em nossas essências e a família, é claro, tem um peso muito grande neste processo. Nas palavras acima, podemos entender que apesar de ver e viver as dificuldades vividas por sua mãe, as marcas positivas foram tão fortes, que em momento oportuno se fizeram notar e interferir na escolha profissional.

Ainda sobre as marcas e influências familiares, também vale apontar outras lembranças:

Tudo isso, me faz pensar mais uma vez que a gente é produzido por expectativas, falas, linguagens que vão nos constituindo como seres humanos. Acho que meus avós deixaram os genes relativos à escola em mim. (Entrevista 2)

Penso que a minha escolha profissional é resultado, em grande parte, da minha influência familiar, porque toda a minha família, a maioria, se dedicou ao magistério. (Entrevista 3)



Penso que minha própria história de vida me influenciou nas minhas escolhas e em minha atuação hoje. Lembro-me desde pequena, de ver minha mãe mexendo com papel, se arrumando para ir para a escola, botando bolsa, sapato e eu a achando muito bonita. (Entrevista 4)

Quanto às influências externas, muitos de nossos entrevistados ressaltam a escola, professores, conversas. Vejamos:

Tive um ensino fundamental, naquele tempo primário, muito bem feito, que me deu muita segurança, não só pelo que aprendi, mas também por aquilo que aprendi a ser. (Entrevista 5)

Pensando ainda em professores que me marcaram, tive vários. Engraçado que se alguém me pedisse para falar sobre algum professor que me influenciou negativamente, eu não tive. (Entrevista 6)

Então, me lembro muito de toda essa vivência, desse contexto de vida de professora, de uma forma muito positiva, apaixonada e achava que ser professora era muito bom. (Entrevista 4)

Lembranças boas, saudades, detalhes que nos vão impregnando e interferindo no nosso modo de ser e de construir alternativas, possibilidades e caminhos para a profissão de educadores. Ninguém nasceu pronto, todos foram instituídos nos caminhos percorridos em cada uma dessas vidas.

Isso pode ser exemplificado através das seguintes palavras:

Por todo esse percurso, acredito que tenha sido levada a me tornar professora e questiono aquelas falas de que nascemos pra ser alguma coisa. Nascemos com certos dons, é claro, mas ninguém nasce para nada, gostamos de determinadas coisas e vamos sendo construídos, instituídos. Na minha família tudo conjugava a favor de ser professora, mas só depois que eu comecei a trabalhar como tal, depois de mais ou menos um ano, é que eu constatei que era aquilo mesmo que eu queria para minha vida, que me sentia bem fazendo o que fazia, que me realizava enquanto professora, tanto no lado pessoal, como no profissional. (Entrevista 1)

Não digo que a gente nasce determinada para ser algo na vida, acho que tem também a questão dos dons. Os dons é Deus que dá para que a gente os desenvolva, mas é lógico que as influências do meio no qual somos criados, a convivência com as diversas pessoas e situações vão nos fazendo. (Entrevista 6)

Já como profissionais alguns entrevistados, destacam os sonhos que foram surgindo, alguns deles considerados até meio impossíveis, mas que acabaram acontecendo. Como se aquilo em que tivéssemos nos tornado, as escolhas de novos caminhos, fossem se



conjugando para torná-los realidade. Um desses sonhos é o de trabalhar no ensino superior, que ficou muito claro no seguinte relato:

Quando entrei no UNIARAXÁ como aluna, pode até parecer brincadeira, mas eu falava que iria voltar como professora. Já se disse que “sonho que se sonha só é apenas sonho, mas sonho que se sonha junto se torna realidade”, acho que foi algo mais ou menos assim. Me formei no final de 1993, já no começo de 94 entrei para a pós-graduação e no começo de 1995 (...) fui chamada a assumir algumas aulas de Estudos de problemas brasileiros no UNIARAXA (...). Hoje já tem mais de vinte anos que estou trabalhando na faculdade. (Entrevista 1)

A importância de sonhar e a força que os sonhos têm, foram muito significativos, como os caminhos para alcançá-los. Foi fácil perceber o compromisso de todos com o humano, e não há como negar que é essa a educação que fica, que forma para toda a vida. Conhecimentos estão disponibilizados em diversos meios, além de serem produzidos de forma acelerada, mas a formação, ninguém nos tira, fica para sempre.

Algumas dificuldades no processo de formação escolar levaram alguns a pensar e buscar meios que permitissem acertar mais nas práticas pedagógicas, lembrando também, que ninguém é igual a ninguém, apesar de vivermos uma educação ainda homogeneizadora e que práticas voltadas para a heterogeneidade ainda são muito escassas.

Vejamos o que diz uma das entrevistadas:

As lembranças que eu tenho da minha vida escolar são muitas, eu me lembro que da 1ª a 4ª séries eu estudei no grupo escolar e sempre tive muita dificuldade com matemática (...). Me especializei em psicologia escolar e a minha dissertação do mestrado foi sobre o fracasso escolar. Tenho a impressão que até hoje estou buscando consertar esse trauma que tive com a matemática. (Entrevista 4)

Este relato aponta que nossa formação é um processo do pessoal ao coletivo, sofrendo as marcas daqueles e com aqueles que convivemos e partilhamos nossos momentos.

Abramowicz (2002, p. 140), lembra que:

Só é possível refletir sobre a prática docente e debatê-la, no coletivo, por meio da partilha de saberes. É em comunhão com outros seres humanos, professores, que nós nos desenvolvemos e nos formamos, fazendo-nos e refazendo-nos. O professor se constrói em um processo coletivo (...). No coletivo se desenvolvem vínculos de confiança e solidariedade, contribuindo para um clima de convívio rico e estimulador.



Percebemos que todos os entrevistados constroem sua identidade, seus saberes, sua História, no decorrer de suas próprias vidas, com as influências que sofrem e os modelos que adotam.

4.2 - Ser professor formador de formadores – significados e sentidos

Definir e compreender nossas práticas e o como elas foram produzidas é um exercício muito rico, já que em nossas trajetórias são diversas interferências que se mostram presentes naquilo em que nos tornamos, em nossa identidade. Nossa história familiar, nosso percurso escolar, as relações que estabelecemos nos diversos campos sociais em que convivemos, a cultura que temos acesso, as crenças religiosas, a estrutura política e econômica nas quais estamos inseridos, são diversos referenciais.

Em meio a tudo, nossa imagem e aquilo que realmente somos, vai se estruturando e se manifesta em nossos fazeres e em nosso modo de ser e relacionar. Durante esta investigação, foi possível perceber que todos os entrevistados, de maneiras diferenciadas, foram se revelando e se conhecendo, e todos manifestaram a crença no seu fazer. Constatase que os entrevistados acreditam desenvolver um trabalho bem feito, como também destacam que o ambiente de trabalho proporciona um clima de realização profissional.

Vejamos alguns relatos:

Tenho orgulho do que sou hoje, do que faço. (Entrevista 8)

Sobre a minha vida no UNIARAXÁ, me considero “peça de museu” do UNIARAXÁ, porque assim que eu me formei, em 1976, eu comecei a trabalhar lá, e estou até hoje. Estudei lá, ainda como FAFI, depois comecei a trabalhar, passando pelas mudanças para a FIAP e depois UNIARAXÁ em 2002. Realmente, minha realização pessoal como professora, aconteceu dentro do UNIARAXA, eu me sinto muito bem lá, me sinto como se fosse parte da minha vida, como se fosse a minha casa, como se em cada momento ali dentro eu me realizasse como profissional. (Entrevista 9)

Na medida em que somos úteis para os outros, estamos sendo também para nós, essa filosofia de vida eu tenho. Também me acho responsável, comprometida com tudo aquilo que vivi e vivo, venci muitos obstáculos. (Entrevista 5)

Já no que diz respeito ao que cada um é, ao como se veem, muitos dos relatos são permeados pela emoção, pela certeza da escolha do magistério, pela satisfação e crescimento humano, pois “todo o processo de criação acontece na história e é marcado por



ela. Simultaneamente, todo processo de criação tem uma história singular em que entrecruzam pessoas, eventos diálogos” (KRAMER; JOBIM e SOUZA, 2003, p. 147).

Vejamos o que falam nossos entrevistados:

Se alguém chegasse pra mim hoje e me perguntasse se eu escolheria minha profissão de novo, eu escolheria sim. Escolheria porque eu acho que nunca me senti frustrada (...). Consegui ser verdadeira no que fiz. Tenho a vida, a experiência vivida, trabalhei em todos os níveis. (Entrevista 5)

Sou acima de tudo professora, com muito orgulho, apesar de todas as vicissitudes (...). Se me perguntassem hoje, se eu escolheria ser professora novamente, sem dúvida que eu escolheria sim, sem medo de ser feliz. (Entrevista 2)

Eu me sinto muito feliz nesse aspecto e, o mais gostoso, é quando você esbarra com pessoas que dizem terem sido nossos alunos, isso fortalece a gente. Ser professor é ser uma pessoa sem fronteira. É estar sempre na frente do limite. (Entrevista 8)

Se fosse para escolher hoje, novamente essa profissão, eu escolheria com certeza. Sou apaixonada pela relação professor-aluno. Gostaria de dizer mais uma vez, que ser professor é muito bom, ser professor vale a pena. Vale a pena diante dos momentos que a gente vive e do agradecimento das pessoas com as quais você teve a oportunidade de conviver. (Entrevista 7)

Se fosse para escolher ser professora hoje, eu escolheria sem dúvidas. Depois de mais de vinte anos de profissão, não me vejo fazendo outra coisa. É uma opção consciente, não tenho vontade de fazer outra coisa (Entrevista 1).

São todos, relatos de simplicidade, mas também de complexidade, de sentimentos e de identificação com a profissão.

4.3 – Desafios de formar formadores

Em meio a todas as exigências, desafios e mudanças pelas quais vêm passando o Ensino Superior no país percebeu-se entre nossos entrevistados, a alegria que a profissão proporciona na maioria das vezes. Muitos disseram da satisfação e da realização de verem seus alunos, muitas vezes com várias carências, irem superando suas dificuldades e fragilidades, crescendo no desenvolver do curso.

Alguns relatos de nossos entrevistados:

Essa profissão me realiza, pois trabalhamos com a formação do ser humano. É muito gratificante a gente perceber, colaborar e acompanhar uma criança, jovem ou adulto



no seu desenvolvimento cognitivo e afetivo, ao ver o aluno desabrochar para a vida ou no mercado de trabalho. (Entrevista 7)

É ensinar a ensinar. Auxiliar o aluno a emancipar-se, descobrir por si mesmo! Envolve razão, que é o ato de descomplicar a complexidade, e amor, que procura incitar a busca pelo infinito inalcançável. (Entrevista 10)

Sobre o trabalho com a formação de formadores nos cursos de licenciatura, vivemos um momento de transição, um momento histórico, pois tudo é construção histórica. Os cursos têm passado por processos de esvaziamento, decorrentes da pouca valorização do magistério (GONÇALVES, 1998), como também, por mudanças que objetivam não só a sua maior qualidade, como também inovações e possibilidades metodológicas que se abrem.

Especificamente no UNIARAXÁ, todas essas mudanças são vividas e percebidas, mas também encaradas com seriedade e vontade de buscar fazer cada vez melhor. Foi fácil constatar o reconhecimento das licenciaturas como o caminho mais importante na formação do profissional da educação, como também os vários desafios atuais entre nossos entrevistados:

Com relação aos cursos de Licenciatura, de formação de formadores, acredito que o maior desafio é o pouco interesse que as pessoas têm para com esses cursos. (...). Uma coisa que acho prejudicar muito, é o reforço que os próprios professores insatisfeitos dão, quando falam mal da profissão (Entrevista 6).

Com relação aos cursos de formação de professores, acredito que eles estão caminhando para uma grande valorização e mudanças em termos de qualidade (Entrevista 3).

Uma coisa que anda ocorrendo no UNIARAXÁ é o esvaziamento dos cursos de licenciatura, que é um sintoma da própria desvalorização do magistério com os baixos salários, a falta de programas sérios de valorização do corpo docente. A desvalorização do professor vem sendo legitimada, sendo instituída, a partir da própria história da educação no país (Entrevista 2)

Com relação às dúvidas e preocupações, são muitas, mas é também muito forte a crença naquilo que todos fazem como formadores e educadores. Reconhecem que muitos dos problemas atuais sejam consequência, mais uma vez, de políticas governamentais atreladas a interesses de mercado, como também, tentativas, nem sempre acertadas, de



consertar o que foi desgastado durante anos de descaso. Sabemos que as mudanças precisam acontecer não somente no ensino superior, mas sim, no ensino fundamental, pois é onde as bases são construídas, para assim, os resultados positivos poderem ser sentidos em todos os níveis, inclusive no superior. Guedes-Pinto (2005), afirma que não podemos desconsiderar o fato de que a vida na escola é um processo complexo, não sendo possível transformá-lo apenas através de nossa vontade.

Nos relatos abaixo isso fica patente:

Pensando no que me agrada e desagrada em minha profissão, o que mais me desagrada é o descrédito, o desmérito que a sociedade tem para com ela. E com tristeza que digo isso, e é uma coisa que sempre lutei muito, foi contra esse descrédito. (Entrevista 8)

(...) nossa profissão é muito desvalorizada, é uma questão histórica. Aos poucos estamos mudando isso, mas é um processo muito lento. Na faculdade, apesar das dificuldades, somos mais respeitados, temos um salário melhor, mas a grande maioria não é assim. Para piorar, ainda têm aqueles professores que só entram para a profissão por falta de opção, por bico, isso é terrível, desmerece mais ainda toda a classe profissional. Para mim, a primeira coisa a ser feita, é todos nós, sem restrição, nos valorizarmos enquanto classe profissional e enxergarmos a força que temos enquanto tal. (Entrevista 1)

4.4 - Professor formador de formadores – significados e sentidos

Todos os relatos obtidos neste estudo reforçam que o exercício da docência envolve o professor em sua totalidade. A sua prática é o resultado do saber, do fazer, mas fundamentalmente, do ser, o que significa compromisso com ele mesmo, com o aluno, com o conhecimento que é compartilhado e, claro, com a sociedade e todo o seu processo acelerado de mudanças, sempre permeados por valores diversos.

Quando questionados sobre o significado e o sentido de ser professor formador de formadores, foi nos relatado:

É ensinar a ensinar. Auxiliar o aluno a emancipar-se, descobrir por si mesmo! Envolve razão, que é o ato de descomplicar a complexidade, e amor, que procura incitar a busca pelo infinito inalcançável. (Entrevista 10)



Educar é um ato de amor pelo outro, para o outro, por si mesmo, pelo que fazemos, já que:

Amar ensinar significa desejar ardentemente que o outro aprenda a ter prazer nisto; ter prazer em partilhar com o outro um trecho do percurso que já fez (e que continua fazendo), tendo consciência de que o caminho do outro terá suas peculiaridades. Esta satisfação é que vai também ajudar a suportar a fadiga da atividade e a sustentar a necessária paciência pelas formas e ritmos de apreensão do outro. (VASCONCELOS, 2001, p. 63)

Todas as marcas, todas as tramas tecidas na constituição da identidade de nossos entrevistados, são muito fortes em suas lembranças, em suas imagens enquanto profissionais, em seus fazeres diários.

Tudo que foi dito, as recordações, o revelar-se, mostraram-nos essências muito ricas, seres humanos complexos, que mesmo incompletos, estão dia-a-dia se construindo como profissionais, pois “o mundo é do tamanho do conhecimento que temos dele. Alargar o conhecimento, para fazer o mundo crescer, e apurar seu sabor, é tarefa de seres humanos” (RIOS, 2001, p. 24). Vidas únicas, com significados diversos, mas ao mesmo tempo tão parecidas, como percebemos no relato a seguir:

Assim é nossa vida, feita de altos e baixos, muitas estruturas interferindo no nosso tecer, nos fazendo rir e chorar, outras vezes, perder o fôlego de êxtase, mas tudo fazendo parte de nossa criação. Tudo é vida, minha profissão é vida! É a minha vida e a vida de tantas pessoas que comigo convivem, cada uma delas criando e tecendo sua própria tapeçaria, numa teia de fios que se tocam em diversos momentos (Entrevista 1).

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS – (QUE NÃO SE ENCERRAM)

Esta pesquisa constitui-se em um estudo sobre memórias. Memórias marcantes de personagens muitas vezes desconhecidos, mas que tecem e escrevem no dia-a-dia, suas próprias histórias – ricas e inigualáveis, e a história da educação no Brasil. Foi um registro de lembranças, de imagens do passado que ressurgiram firmes, como se acabassem de acontecer, de histórias permeadas pelo individual e coletivo. Não há como nos olharmos sem entender que o que procuramos no presente é carregado de todo um passado que foi nos construindo através de diversos fatores.

Não tem como definir se o que escrevemos foram reflexões, imagens, recordações



do ofício docente, ou se foram viagens às lembranças, saudades, vontades, desejos. “Fazer o percurso à procura do ofício de mestres, artífice, artista que há em nós, reaprender saberes e artes, recuperar a imagem (...). Contar para mim, e a nós nossa própria história”. (ARROYO, 2004, p. 16)

Nas concepções que foram tecidas, foi possível descobrir e conhecer sobre pessoas cheias de vida, com histórias únicas. Histórias estas, que tivemos a alegria de contar, identidades pessoais que foram construídas cotidianamente em tudo que foi e continua sendo vivido, através de

diferentes trajetórias e distintos momentos (..) Histórias no plural; formas de falar a vida (fora e dentro da escola) no plural; maneiras de mudar essa vida no plural também. E é nesse plural que reside a singularidade que faz de nós seres humanos, que nos permite descontinuar para continuar. (KRAMER, 1993, p. 199)

Emoções, lágrimas, sorrisos, descobertas, orgulho pela profissão, dificuldades, desafios, registros e análises de saudades, sentimentos e lembranças que foram resgatadas, sonhos que se fazem e se renovam, vidas que foram partilhadas. Enfim, Histórias de vidas carregadas de significados e sentidos, vidas que foram e estão sendo tecidas.

Percebe-se que “(...) qualquer relação com o saber comporta também uma dimensão de identidade: aprender faz sentido por referência à história do sujeito, às suas expectativas, às suas referências, à sua concepção de vida, às suas relações com os outros, à imagem que tem de si” (CHARLOT, 2000, p.72). Todas as escolhas, todas as pessoas, todos os momentos, foram fundamentais na constituição docente de cada um dos participantes. Entre histórias diferentes, muitas vezes não reconhecidas em seu valor, fomos percebendo o tamanho da riqueza de suas vidas.

Ao fim deste estudo, que não se finda, constatamos que não nascemos professores, nos tornamos professores por uma série de fatos, vivências, convivências e práticas, que nos vão constituindo e instituindo. Como nos diz Rios (2001, p. 32) “somos (...) o que fazemos para transformar o que somos. A identidade não é uma peça de museu, quietinha na vitrine, mas a sempre assombrosa síntese das contradições nossas de cada dia”.

6 – REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, Mere. “A importância dos grupos de formação reflexiva docente no interior dos cursos universitários”. In: CASTANHO, Sérgio e CASTANHO, Maria Eugênia (Orgs.). **Temas e textos em metodologia do ensino superior**. 2.ed. Campinas:



Revista Triângulo

Papirus, 2002, p.137-142.

ARROYO, Miguel G. Essas escolhas têm uma longa história. In: **Caderno do Professor**. CERP/SEE – MG, n. 5, março de 2000.

ARROYO, Miguel G. **Ofício de mestre** – Imagens e auto-imagens. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

BOSI, E. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: T. A Queiroz, 1994.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber**: elementos de uma teoria. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

FAZENDA, Ivani (Org.) **Dicionário em construção**. São Paulo: Cortez, 1997.

FONSECA, Selva Guimarães. **Ser professor no Brasil**: história oral de vida. Campinas: Papirus, 2003.

FONTANA, Roseli Cação. **Como nos tornamos professoras**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

GONÇALVES, Tadeu Oliver, GONÇALVES, Terezinha Valim Oliver. “Reflexões sobre uma prática docente situada: buscando novas perspectivas para a formação de professores”. In: GERALDI, Corinta Maria Grisolia, et. al. (Orgs.) **Cartografia do trabalho docente**: professor(a)-pesquisador(a). Campinas: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil – ALB, 1998.

GUEDES-PINTO, Ana Lúcia et. all. “Percurso de letramento dos professores: narrativas em foco”. In: KLEIMAN, Angela B. e MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles (Orgs.) **Letramento e formação do professor**: práticas discursivas, representações e construção do saber. Campinas: Mercado de Letras, 2005. p. 65-92.

KRAMER, Sônia. **Por entre as pedras** – arma e sonho na escola. São Paulo: Ática, 2003.

KRAMER, Sônia & JOBIM E SOUZA, Solange. (Orgs.) **Histórias de professoras** – Leitura, escrita e pesquisa em educação. São Paulo: Ática, 2003.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana** – danças piruetas e mascaradas. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

LÜDKE, Menga, ANDRÉ, Marli E. D. **A. Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986. (Temas básicos em educação e ensino).

MOITA, M. C. (Org.) **Professor do ensino superior**: Identidade, docência e formação. 2. ed. Brasília – DF: Plano Editora, 1992.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez.



Revista Triângulo

Brasília: UNESCO, 2000.

NÓVOA, Antônio. (Org.) **Profissão professor**. 2. ed. Porto: Porto Editora, 1991.

NÓVOA, Antônio. **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 1997.

REY, F. L. Gonzales. A pesquisa e o tema da subjetividade em educação. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPEd, 24, 2001, Caxambu. **Anais**. ANPEd, Caxambu, 2001. Disponível em: www.anped.org.br. Acesso em out. 2016.

RIOS, Terezinha Azerêdo. **Compreender e Ensinar - Por uma docência da melhor qualidade**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

ROSA, Guimarães. **Grande Sertão: veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1967.

THOMPSON, Paul E. **A voz do passado**. Tradução: Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais – a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VASCONCELOS, Celso dos Santos. **Resgate do professor como sujeito de transformação**. 8. ed. São Paulo: Libertad, 2001.